

Artigo Relato de Experiência

Arteterapia como potencial ferramenta para o desenvolvimento corporal infantil

Art therapy as a potential tool for child body development

Jessica Oliveira Barros¹

Resumo: O presente artigo relata vivências de 10 crianças de 3 anos em um contexto de socialização no espaço da Educação Infantil, com os respectivos processos de acolhimento para a adaptação e um percurso de constituição do eu, do outro e do grupo em si. Foram realizados encontros semanais com propostas arteterapêuticas com o intuito de refletir sobre as ferramentas lúdicas e simbólicas de potencializar a partir do vínculo do corpo no espaço, relações sociais sadias, construção de narrativas, repertório verbal, corporal e emocional, assim sobre o cuidado necessário de fornecer ambientes e materiais intencionalmente pensados para o toque sutil e movimentos corporais. O objetivo da pesquisa foi desenvolver encontros potentes de autonomia para o público infantil, visando o desenvolvimento do corpo e movimento, a partir de estratégias para aguçar o olhar criativo, resultando em uma construção de saberes singulares e parceria. Concluiu-se uma aquisição de autonomia em suas brincadeiras simbólicas, além de um suporte na resolução de conflitos sem envolvimento do corpo como ponte de agressão a si ou ao outro. Estes aprendizados afetivos fazem parcerias com habilidades necessárias

¹ Psicóloga pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em Arteterapia e Criatividade pelo NAPE, atua com a infância como educadora em uma escola particular e em paralelo como psicóloga na clínica, é voluntária no Polo de Prevenção ao Abuso Sexual e Violência Doméstica do Círculo dos Trabalhadores de Vila Prudente e idealizadora do projeto Recanto Terapêutico e Alquimia de Estudos de Mandalas Terapêuticas. Contato: jessica.olibarros@gmail.com

para as competências durante a vida e a presença destes estímulos na infância se fazem relevantes para a constituição do eu.

Palavras-chave: Arteterapia; infância; afetividade; cuidado; relações; corporal; socialização; potência

Abstract: The present article reports experiences with 10 3-year-old children within a context of socialization in the area of Early Childhood Education, experiencing processes of adaptation and a course of constitution of the self, the other and the group itself. The weekly performances commit art therapy with the intention of disposing on the playful and symbolic tools to potentiate from the bond of the body in space, healthy social relations, the construction of narratives, the verbal repertoire, corporal and emotional, as well as the care of provide environments and materials intentionally thought out for the subtle touch and gesture of the body. The objective of the research was to develop self-help experiences for children, aiming the development of the body and movement, from strategies to approach the children's audience, resulting in a knowledge and partnership building. A series of possibilities of success in his symbolic strategies was concluded, besides having a support of more general goals that do not involve the body as a bridge of aggression for the other. To such during a life and have these athletics from infrastructures are relevant for the constitution of self.

Keyword: Art Therapy; childhood; affectivity; care, relations, body; socialization;

Introdução

Durante a vivência em Psicologia, na atuação em diferentes espaços em que se permeia o universo infantil, encontra-se um campo fértil e enriquecedor para novas descobertas, resgates, estudos e práticas com enfoque na primeira infância.

A ampla gama de recursos em Arteterapia, assim como sua ludicidade e sensibilidade, promovem uma série de benefícios que afloram o processo criativo dentro das práticas com as crianças.

Segundo Philippini (2004), o universo da Arteterapia envolve sensorialidade e materialidade. Acredita-se, então, que exista um alinhamento entre as descobertas da fase da infância sobre o eu, o outro e o mundo de forma curiosa e aguçada a partir destes meios sendo fonte potente para um desenvolvimento sadio e apropriação de repertórios.

Observa-se neste campo da infância, um período fundamental para a aquisição de aspectos de base para a formação da identidade de cada indivíduo, de forma que, as ferramentas em Arteterapia possam ofertar uma ampliação de possibilidades de expressão.

Vale ressaltar a riqueza de oferecer um espaço em que as crianças tenham oportunidades de experiência que respeitem o tempo de infância e que em paralelo, investiguem diferentes formas de potencializar a criatividade.

A escola representa uma instituição importante para a apropriação de repertórios sociais, culturais e de estruturação durante o desenvolvimento, de forma que o espaço, neste caso, o da Educação Infantil oferece um contexto sobre como

as crianças constroem suas percepções, ideias e emoções sobre si mesmas, a interação com o outro e o mundo que as rodeia.

A autonomia só aparece com a reciprocidade, quando o respeito mútuo é bastante forte, para que o indivíduo experimente interiormente a necessidade de tratar os outros como gostaria de ser tratado. PIAGET(1932/1977, p.172).

Sendo assim, tais aspectos proporcionam um maior envolvimento das crianças, além de uma apropriação das mesmas quanto ao espaço que compartilham.

A expressão a partir das ferramentas da arte possibilita uma série de convites para aguçar os sentidos perante ao que nos rodeia e as percepções que internalizamos do mundo para apreender o que é vivenciado. Tais intervenções podem oferecer um suporte para uma constituição mais confiante, tolerante e engajada de cada criança.

Esses convites garantem um engrandecimento do olhar sensível, criativo e lúdico, com princípios estéticos de libertação e autonomia no processo de expressão do indivíduo, sendo função do arteterapeuta acompanhar e ser guardião deste processo criativo.

Vale ressaltar a arte como processo expressivo conforme Philippini (2004). Já a Arteterapia oferece uma série de possibilidades de práticas que valorizam e enriquecem as fases de desenvolvimento de cada sujeito. Desta forma, sua aplicação em espaços de respeito à infância possui caráter agregador para as práticas já existentes dentro da instituição.

Visando a atuação da Arteterapia em espaços institucionais lúdicos, entende-se que existe um elo congruente entre as percepções dos diferentes profissionais quanto à participação da arte no desenvolvimento da percepção,

imaginação, observação, raciocínio e aprendizagem, sendo um processo com muitas possibilidades para desenvolver os sentidos (SOUZA, 2002).

Neste caso, atuar com espaços interpessoais que favoreçam o encontro corporal a partir do movimento, do toque e do olhar, oferecem relações que conectam a criança ao outro, estruturam um contorno potente para um trabalho de consciência corporal e de autoimagem. Considerando o corpo como uma ponte de comunicação da criança com o mundo e levando em consideração as diferentes linguagens da criança da primeira infância, percebe-se a amplitude do trabalho corporal como uma forma de contorno e pertencimento do corpo no espaço, assim como oferecer um repertório de construções criativa.

Neste caso, atuar com espaços interpessoais que favoreçam o encontro corporal a partir do movimento, do toque e do olhar, que ofereçam a possibilidade de contato da criança com o outro, permite criar um contorno potente para um trabalho de consciência corporal e de autoimagem.

Visando o corpo como uma ponte de comunicação da criança com o mundo e levando em consideração as diferentes linguagens da criança da primeira infância, percebe-se a amplitude do trabalho corporal como uma forma de contorno e pertencimento do corpo no espaço, é possível oferecer para cada, um repertório de construções criativas e singulares.

Pensando no extenso repertório expressivo das crianças que antecede e transcende o verbal, é a partir do processo artístico, sua sensorialidade e movimento que ofertarão os códigos não-verbais de cada uma, a partir de suas vivências e formas de internalizar o mundo. (COUTINHO, 2013)

O toque em si, além de trazer aspectos como vínculo, proteção, acolhimento e intimidade, também age como impulso encorajador para uma construção de desenvolvimento sadio e autonomia motora e social, estas que oferecem formas flexíveis de apreensão sobre o mundo e seus diferentes funcionamentos. Estudos no Instituto Fazendo História (2005) apresentam a importância do cuidado durante a relação estabelecida entre a criança e o ambiente, influenciando no seu desenvolvimento cognitivo e comportamental. De acordo com o Instituto, entre 0 e 3 anos, 90% das sinapses que serão estimuladas e utilizadas durante a rotina passam a fazer parte permanente do circuito cerebral do ser humano ao longo da vida.

O objetivo desta pesquisa é desenvolver encontros potentes de autonomia para o público infantil, visando o desenvolvimento corporal, a partir de estratégias arteterapêuticas para aguçar o olhar criativo das crianças. Dessa forma, oferecer repertório para autonomia, expressão afetiva e artística, assim como aquisição de recursos de noção corporal e autoimagem, proporcionando atividades de relaxamento e de expressão corporal e artística.

Base Teórica

Ao longo da pesquisa bibliográfica, percebeu-se a relevância de estudos desta natureza publicados com enfoque na primeira infância, visando que no contexto atual, há maior inserção dessa faixa etária no espaço institucional, além de um cenário sociocultural que possui um olhar que reconhece e valida a infância, a importância do percurso do brincar e as conquistas de cada fase que se entrelaçam a favor do desenvolvimento pleno de cada ser humano. Perante isto, há um campo

rico e fértil para práticas em Arteterapia, valendo ressaltar que as mesmas oferecem recursos potentes e sensíveis para a infância, favorecem um desenvolvimento sadio e ampliam o repertório social, noções corporais e de procedimento.

A fase da infância se configura como um período importante para a estruturação do self segundo Devries (1998), assim como sua maturação frente a processos cognitivos, sociais, culturais, emocionais, motores e biológicos. Este período se refere ao mais importante para a apropriação do mundo e de elaboração de vivências significativas, visando que a construção da autoimagem realista e positiva da criança vai se construindo progressivamente a partir das suas experiências diárias.

Tal relação com a primeira infância se faz forma potente, garantindo a autonomia a partir do olhar sensível e aguçado de adultos e cuidadores que estabeleçam uma relação de confiança e colaboração que não olhe para a criança como um ser passivo e ofereça desafios que cabem para as possibilidades motoras e cognitivas da criança, sem que ela demande da ajuda ou autorização do adulto para se explorar o espaço oferecido.

O cuidado com esta fase e um olhar diferenciado quanto às particularidades da infância são aspectos que merecem atenção e reflexão de forma que muitas crianças da primeira infância tem adentrado nas Instituições, sendo um campo fértil e potente para dialogarmos mais sobre o processo criativo e de desenvolvimento desta faixa etária, o que se pode aprender com estas relações e como intervir e dialogar sobre esta fase.

A partir deste cuidado que dialoga parceria e autonomia da criança, vale ressaltar o respeito ao tempo deste corpo infantil, de maneira que a busca por

ampliação de saberes esteja alinhada com o percurso de descobertas daquela criança, a fim de não convocá-la a um desenvolvimento com estímulos invasivos que acelerem seu aprendizado motor e cognitivo de forma agressiva.

A primeira infância envolve um processo de diferenciação que ocorre de forma gradual, visando que a relação mãe-bebê transcende e se molda para relações secundárias ao meio familiar e social, consolidando a criança como um ser de desejos, experiências e singularidade. Neste momento ocorre a percepção do mundo afora, do outro e do campo afetivo-emocional, além de ações que envolvem os arquétipos (RIBAS,2017).

Tais arquétipos constituem na memória cultural e social carregados a partir dos conhecimentos e aprendizados evolutivos ao longo da humanidade em que os fenômenos se associam ao modo de viver nos dias de hoje .

Já os complexos permeiam a partir das vivências significativas e pessoais de cada da constituição de indivíduo. São imagens, ideias e experiências de carga emocional ligados a um ou mais arquétipos (Jung, 2009).

Os conteúdos e maneiras de aprender e apreender o mundo podem ser materializadas afetivamente a partir do manuseio e descoberta dos materiais de forma livre, oferecendo a aquisição de diferentes saberes que constituem competências relevantes pro ser e estar no mundo.

Para Winnicott (1975) o brincar conduz a criança ao ato de se relacionar, havendo uma comunicação entre o eu e o outro, sendo este, um facilitador de desenvolvimento sadio, resiliente e com garantias de autonomia perante as transições necessárias do processo do crescimento.

Tais processos como pintura, modelagem, garatujas e demais elementos ofertados nas instalações construídas para este grupo de crianças buscou apresentar os materiais como mediadores do processo de narrativas simbólicas.

Desta forma, a prática arteterapêutica se apresenta como uma ferramenta que amplia as possibilidades de expressão, indo além da abordagem tradicional, que é baseada na linguagem verbal (REIS, 2017). Tendo em vista que a primeira infância acompanha um processo de contato com o mundo interior e exterior de forma sensível e muitas vezes transcendendo da linguagem verbal, tal prática visa potencializar este entendimento e oferecer mecanismos de interlocução com este desenvolvimento, oferecendo espaço para a expressão potente do corpo que para se apropriar, se movimenta de forma brincante.

Entende-se o brincar como forma de elaborar e apreender aspectos da rotina, das relações construídas e da forma com que o mundo se apresenta. A observação da livre experimentação das crianças a partir dos materiais intencionalmente oferecidos abre possibilidades ricas de compreender o olhar da criança e de direcionar sutilmente as transformações que a organize criativamente frente às adversidades (COUTINHO, 2013).

A curiosidade da criança abre caminhos para diferentes experiências sensoriais e ao serem oferecidos intencionalmente materiais que possam enriquecer a relação com o espaço e o outro, oferece então, o aguçamento dos sentidos, noção corporal e familiaridade em explorar os materiais com o corpo a partir do toque e das sutilezas singulares de cada um.

A brincadeira é uma ponte para a realidade e que nós adultos, através de uma brincadeira de criança, podemos compreender como ela vê e constrói o mundo: quais são as suas preocupações, que problemas ela sente, como ela gostaria que fosse a sua vida. Ela expressa o que teria dificuldade de colocar em palavras. Ou seja, brincar é a sua linguagem secreta que

devemos respeitar mesmo que não a entendamos. (BETTELHEIM 1989 apud COSTA 2007, p.17)

A criança, seu percurso e suas maneiras autorais de se colocar no mundo oferecem uma riqueza que transcende o olhar do adulto que a acompanha, de forma que é observar suas descobertas e dar espaço para que elas fluam e sejam exteriorizadas de forma lúdica, brincante e potencialmente criativa, com liberdade e autonomia.

Tais construções possibilitam a ponte daquilo que se vive internamente a partir do uso dos materiais oferecidos, de forma com que estes possibilitem um maior repertório de formas de expressão no contato com o mundo externo.

Como formas expressivas, as coisas falam: mostram as configurações que assumem. Elas se anunciam, atestam sua presença: 'olhem, estamos aqui'. Elas nos observam independentemente do modo como as observamos, independente de nossas perspectivas, do que pretendemos com elas e como as utilizamos. Essa exigência de atenção indica um mundo alçado. (HILLMAN apud PHILIPPINI, 2007 p.11)

Desta forma, além de potencializar o encontro das crianças com aquilo que é apreendido no mundo, acredita-se que assim, a criança possa encontrar formas de se conectar com seus sentimentos, memórias e relações construídas ao longo da vida de forma mais autônoma e com vitalidade.

Vínculos que fazem registros, relações que fazem memórias na morada corporal de cada um, dando espaço para diferentes encontros durante a conexão com o novo que o mundo proporciona diariamente durante a infância.

Estas vivências contam então, de como fazem de suas investigações, o seu próprio significado. Sendo assim, formas de se ver, de ver o outro, de ser e de estar no mundo.

Metodologia

O trabalho desenvolvido foi realizado com um grupo de 10 crianças de 3 anos, em que o método envolveu um percurso de sensorialidade e movimento, como uma forma convidativa de construção de vínculo do grupo e de promover um olhar afetivo de descoberta de seu corpo e do outro.

É amparado sobre tais desafios e descobertas que pretende-se apresentar alguns encontros que se fizeram relevantes para o trabalho presente.

Será relatado sobre o processo de 2 crianças do grupo, lembrando de que independente de trazer especificidades de casos, todas estavam em relação e em processo de construção de vínculo enquanto grupo.

Ambas possuíram formas diferentes de se relacionar com os materiais e de compartilhá-los com o grupo, assim como suas formas de se colocar dentro desta construção de grupo.

Vale ressaltar que não se pretende realizar avaliações psicológicas que estigmatizem ou padronizem a prática realizada e sim, de compartilhar diferentes formas de construção de vínculo, respeitando as singularidades e a autoria da infância dentro do percurso arteterapêutico.

A. é uma criança que interage de forma bastante observadora e prefere as brincadeiras mais individuais. No início do percurso se mantinha isolado e fazia uso da mordida constante como forma de comunicação de seus desconfortos e percepções de ser invadido ou interrompido, momentos associados ao sentimento de insegurança, os quais demandou acolhimento e nomeação de seus sentimentos para firmar sua segurança dentro do coletivo.

Já a criança L. se mostrava muito aberta às solicitações das crianças, possuía dificuldade em se colocar nos espaços sociais sem o direcionamento dos adultos, fazer uso do “não” em situações de desconforto e de interagir mais ativamente dentro do grupo.

Os encontros envolveram a exploração de diferentes materiais, que entre elas, propuseram a sensibilização o corpo, a conexão do mesmo com a relação simbólica com o ninho como conexão de morada, reconhecimento do eu e do outro e pertencimento, além da relação potente com o material da argila para este grupo.

Estas atividades paralelas se entrelaçam na medida em que as crianças são convidadas por espaços ricos de sensorialidade e de relação, de forma com que cada um apresenta e constrói a sua forma de interagir e de vivenciar tais espaços lúdicos.

Inspirado pelo filósofo Bachelard (2008), foi realizado um trabalho com ninhos, como uma conexão simbólica de morada. Assim, buscou-se a construção e interação sensorial com os elementos, formando espaços intencionalmente afetivos e acolhedores, visando uma noção corporal e o espaço do eu dentro do coletivo, com vivências de sensibilidade e aconchego.

Em muitos momentos, a sala virou um grande “ninho” para fazerem morada e ao som de várias espécies de passarinhos, suas imagens e suas singularidades ao fazer suas casas, as crianças puderam se familiarizar com a livre construção, realizar suas próprias criações, entrando em contato com os diferentes materiais como caixas, tecidos, penas, folhas, flores, pedras, argila, serragem e o mais que as pudesse encantar no espaço de exploração. Vale ressaltar que os materiais foram

postos de forma intencional, mas que a escolha de uso destes foi oferecida de forma livre para que cada uma pudesse realizar suas próprias criações e narrativas.

Resultados

Ao conhecer diferentes ninhos, expandiu-se a forma de olhar e de criar, de sentir e de compartilhar. A relação com os materiais abriu caminhos para encontros afetivos, de expressão e autoria, em que cada criança fez do espaço, um pouco de si e um pouco do que se constrói quando se reconhece em relação.

O espaço convidou as crianças para muitas brincadeiras de forma que, durante a rotina, o grupo passou a trazer muitas narrativas livres sobre o ninho, montando com autonomia os seus próprios cantos afetivos para se encaixar, brincadeiras de passarinho no quintal, envolvimentos nas rodas de conversas, ateliês e momentos de história, fazendo relação com as construções.

Os poemas de pássaros de Lalau e Laurabeatriz acompanharam a rotina, assim como muitas contações de história que envolvessem a ideia de abrigo, junto a relaxamentos com penas, sons da natureza e interação com o corpo e suas sensações. Fincam-se então, os pés no chão e se encontram em um lugar para chamar de seu. Cada descoberta abriu caminhos para brincadeiras simbólicas íntimas e em conjunto, em busca de cantos de repouso, de encaixe, de cuidado e movimentos, cada uma com sua forma de fazer de sua vivência, afeto.

Durante o percurso com o grupo, percebeu-se de que assim como o ninho representa o colo e o aconchego, ele também é transição e preparo para novos horizontes. As crianças, mesmo tão pequenas, na medida em que vivenciam nos

espaços, saíam constantemente da zona de conforto, que é o ninho, para fazer novas conquistas e buscar, de pouco a pouco, seus espaços e resoluções que contribuem para firmar identidade e noção de sociedade.

De criações de ninhos, foram-se realizando presentes construídos pelas crianças e para as crianças, inspirados pelo ninho do pavilhão, um pássaro que coleciona e enfeita seu ninho com objetos azuis e dentro de cada um, foram coletados pelas crianças, objetos significativos que compõem suas memórias, registros de algumas vivências e marcas construídas e deixadas pelo grupo, nesse aglomerado intenso de olhares, risos, disputas, convites e conexões que são parte da infância.

A oferta de um cenário de ninhos para a construção do imaginário do grupo, trouxe o interesse em comum pelos pássaros e suas moradas em uma construção brincante que dialogou com a construção do afeto. O tema das brincadeiras ultrapassou o tempo das atividades arteterapêuticas oferecidas na rotina e passou a existir nos momentos livres de quintal e narrativas realizadas pelas crianças.



Criança L, uma criança extremamente acolhedora, mas com muitas dificuldades de impor seus desejos e necessidades, perdia facilmente sua vez nas

brincadeiras e nas escolhas de materiais, puxavam os objetos de sua mão, a mesma não demonstrava reação e muitas vezes, era empurrada para fora dos círculos em que havia algum canto de brincadeira.

Entretanto, L. tendo sua função acolhedora e de ajudante neste grupo, validada e verbalizada durante os processos de Arteterapia, passou a contornar mais a situação, impondo seu espaço sem medo de ser rejeitada nos momentos posteriores, na medida em que se construiu uma noção de pertencimento dentro do espaço.

Durante as brincadeiras simbólicas, passou a trazer noção de combinados e alguns 'nãos', como forma de elaborar o espaço do desejo dentro das relações, com o seu jeito generoso com o outro e desta vez, construindo esta generosidade com seus desejos também.

Estes são aspectos importantes nas diferentes fases de desenvolvimento da vida, porém levando em consideração a faixa etária das crianças, a validação destes aprendizados sociais podem se fazer mais sólidos quando construídos e nomeados desde cedo, ampliando o vocabulário emocional, este que gerará dentro das relações, expressão, confiança e noção de que nomear emoções diferentes gera consequências diferentes, de forma que o sujeito não se sinta refém de suas condições futuras de adversidades.



“Cada buraco é a casa de um amigo meu” (sic) – ninho construído por L

Já a criança A, que gostava bastante dos ninhos de caixotes e pneus do espaço, o levando a se encaixar e fazer brincadeiras mais íntimas. Suas brincadeiras possuíam um aspecto mais introspectivo e a chegada das crianças, gerava comportamentos hostis, lhe dando sensação de invasão. Nomear com as crianças estes sentimentos, assim como oferecer brincadeiras em que as crianças pudessem compartilhar e dar para essa noção de invasão, um espaço para parcerias e gostos parecidos, foi importante para conflitos que se resolvessem sem o uso de mordidas e choros.

Vale ressaltar que acolher o comportamento hostil de A e identificar junto com ele seu coração acelerado, nomear seus gostos e chateações, foi um processo difícil e importante para a legitimidade de suas emoções, sua noção de pertencimento dentro do grupo e em relação aos materiais.

Seu medo de perder espaço fazia com que se fechasse e isentasse as outras crianças daquilo que acumulava em suas mãos e em seu ninho escolhido. Se sentir seguro e olhado permitiu que a fala entrasse nas resoluções e em momentos muitos

extremos de raiva, a criança passou por processos de escolher morder o objeto ou pedir ajuda da adulta e aceitar a ajuda de terceiras crianças.

Em brincadeiras simbólicas, retomava o cenário dos conflitos vivenciados mais calmamente, a noção corporal e expressões com os gestos das mãos passaram a dar mais o tom de suas necessidades em momentos de conflito.

Esta mesma criança estava, na época, com um problema de pele, que segundo dermatologistas, era de cunho emocional e em paralelo, a criança estava em constante transição devido a uma situação familiar. A partir da parceria com a família e das brincadeiras simbólicas de aconchego, o problema de pele pôde ser controlado e sua noção de pertencimento nos espaços foi amparada.

Outro aspecto fundamental foi a relação potente entre as mãos e a argila no processo de construção singular de cada criança. A argila foi escolhida tanto por sua capacidade de aterrar, trazer sensações diferentes durante a manipulação, como também por ter sido um material que o grupo conseguia manter-se concentrado por um tempo significativo.

Para Oaklander (1980), a argila é um material prazeroso de se trabalhar com as crianças pela fluidez que sua relação com o corpo proporciona e traz uma reflexão importante sobre o processo de interação com o material.

O material foi oferecido e revisitado em muitos momentos diferentes dos encontros, como forma de relaxamento, com água, ateliê com diferentes materiais e em diferentes tamanhos.

Vale ressaltar a importância do uso de diferentes materiais e a própria revisão dos mesmos em diferentes propostas, oferecendo condições de ampliação de repertório, familiarização e possibilidades de resignificação dos

materiais, a partir do contexto oferecido, do espaço utilizado, das singularidades e de como o grupo se relaciona a partir de cada momento.

Chiesa (2004) coloca a importância dos materiais, da forma como a criança se relaciona com estes tende a refletir como ela se relaciona com o ambiente, inclusive, com os diferentes sentimentos e sensações que possam emergir dentro da proposta.

Para a construção de ninhos, a argila foi um material muito requisitado pelas crianças e demonstrava compor sensações tranquilizadoras conforme as marcas das crianças e suas diferentes pressões para materializar suas criações.

Para Alessandrini (1996), a relação com a argila oferece um crescimento afetivo e cognitivo, associados à aprendizagem, sendo este trabalho vivenciado de uma forma muito íntima e com expressões internas que se materializam e se perpetuam.

A mesma autora apresenta que “modelar com argila toca a potência de criar o seu próprio contorno e de definir seu próprio como” (Alessandrini, 1996 p.88). Neste caso, o contorno delimitado pelas mãos e narrativas de cada criança, fez-se como uma fonte de trazer aspectos de abrigo e aconchego, substantivos que se relacionam com significados de afeto e proteção, portanto, aspectos fundamentais para um desenvolvimento saudável.

Após o manuseio, era nítida a calma do grupo, advinda durante o processo. O toque livre com as mãos e pés contribuíram para uma relação contínua de exploração e contato com o material. Este também possuiu seu papel de potência durante a imersão do corpo com os elementos naturais, suas explorações com mãos e pés.

É a partir de experiências com o singelo que foi dado espaço para o potencial criativo que emerge dentro de cada um, o que possibilita uma série de ressignificações do mundo e das coisas a partir dos olhares curiosos.

O pé no chão, as mãos frente às misturas e texturas, assim como o contato dos elementos da terra com o corpo e os sentidos leva a uma série de percepções.

Alguns se concentram em um só espaço, outros trocam entre pares, buscam mostrar a todo instante suas descobertas ou simplesmente experimentam em silêncio como quem guarda um segredo.

Cada experiência é única e agregadora para o desenvolvimento das crianças. Há um encanto no processo que não fica só na mão no do adulto que conduz, pois as crianças se debruçam às suas próprias investigações, formando em um enriquecimento nas propostas pois dentro de uma atividades, formam-se registros singulares que moldam o planejamento da adulta conforme as crianças tecem suas teias de saberes.

Levando em consideração a relação das atividades oferecidas com as funções junguianas, percebe-se a relevância da sensorialidade para as crianças como um fator de estímulo nesta etapa de reconhecer o mundo ao redor e de se reconhecer perante ele.

Jung (1960) apresentou, entre os tipos psicológicos, a percepção, sensação, pensamento e sentimento. Neste caso, serão levantados alguns pontos a partir da sensação que foi o aspecto mais latente entre as atividades.



Tendo-se em vista que a pele é como primeiro órgão de percepção a se desenvolver no ser humano, gerando a noção de contorno e continuidade física e dimensão do espaço que ocupa, percebe-se a importância destes estímulos. É a partir da sensação da pele que as experiências vão se associando a sentimentos tidos como bons ou não.

As experiências sensoriais oferecem a partir do movimento e do toque, possibilidades de se relacionar com o mundo e de elaborar as vivências. Entrar em contato com os elementos e o corpo é entrar em contato com o mundo que os rodeiam, assim como as formas de olhar e elaborar os cenários que emergem.

Jung (1960) trouxe que o complexo aparece na expressão corporal e que estas não são fixas, pois a vida vai oferecendo possibilidades adaptativas que tragam transformação, possibilitando competências resilientes. A partir da diversidade de estímulos sensoriais que se amplia e atualiza a noção e a memória corporal.

Chiesa (2004) apresenta a relação que a sensação e o movimento têm durante o ato exploratório do corpo sobre os materiais oferecidos nos encontros arteterapêuticos, assim como a potência em seus entrelaçamentos.

“o nível sensorio refere-se às sensações experienciadas e, com ele, o indivíduo percebe o seu potencial energético. No nível motor, a ação é caracterizada pela expressão de movimentos. A estimulação sensorio-motor apresenta um componente curativo e terapêutico, que surge

através do ritmo que espontaneamente se estabelece, do desenvolvimento da forma e da percepção dessa e de seus significados” (p.46)

A experiência do corpo frente às diferentes possibilidades de interação com o espaço e seus diferentes estímulos enriquece as formas de construção, o que gera maior sensação de pertencimento sobre aquilo que está sendo manipulado, aproximando a produção artística como parte construída de si, levando em consideração sempre a singularidade e as influências culturais, sociais, ambientais e emocionais de cada situação.

Vale ressaltar que Sharp (1990, p.9) argumenta quanto ao cuidado de não rotular nenhum indivíduo:

“O modelo tipológico de Jung não é um sistema de análise das personalidades, nem um meio de rotular-se a si mesmo e aos outros. Da mesma forma que uma pessoa deve usar uma bússola para determinar o lugar onde se encontra no mundo físico, a tipologia de Jung é um instrumento para a orientação psicológica. Trata-se de um meio de compreender tanto a si mesmo como as dificuldades de relacionamentos entre as pessoas.”

A partir desta afirmação, vale a importância de reforçar esta não-rotulação dos aspectos da personalidade, principalmente em casos que envolvam a infância e suas respectivas descobertas sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que as rodeia. Valendo-se, portanto, de que esta apropriação do mundo interno e mundo externo oferece maleabilidade e flexibilidade de acordo com o que está vivendo, proporcionando para a criança, espaços férteis para que elas cresçam e tenham maior repertório de potência criativa de vida.

Considera-se relevante compreender o desenvolvimento como capacidade progressiva do ser humano realizar atividades cada vez mais complexas, de forma que oferecer espaços arteterapêuticos para as crianças enriquece o potencial

criativo e resiliente do desenvolvimento de cada, possibilitando em relações humanas e constituições psíquicas mais saudáveis e tolerantes.

Considerações Finais

Considerando-se o passar dos encontros, são notáveis muitas conquistas ao se pensar na constituição do grupo, na singularidade e especificidade de cada criança.

O processo de transição da faixa etária de cada um os leva naturalmente em esperadas mudanças, mas foi possível focar algumas situações que possam revelar em um ambiente que se apresentou rico para fornecer repertório facilitador para um desenvolvimento criativo perante adversidades.

O grupo, em meio a tantas descobertas, possuía um caráter naturalmente egocêntrico e em muitos momentos de transição de rotina ou de conflitos de interesse, geravam comportamentos agressivos, mordidas excessivas e intensos choros, como forma de apresentar na transgressão, um problema ou incômodo que estivesse acontecendo. São processos naturais do desenvolvimento do ser humano que merecem ser legitimados e acolhidos para que a aquisição de saberes seja sadia e possibilite uma percepção sobre suas construções emocionais que levarão as crianças a um entendimento sobre seus diferentes estados.

O olhar, a escuta, o toque e o tempo respeitado de cada criança foram aspectos fundamentais para oferecer um leque de possibilidades de formas de lidar com adversidades, assim como o contorno para a criança, que envolve a sensação

de segurança necessária para um desenvolvimento sadio e competências emocionais e sociais.

Oferecer repertório de fala e de cuidado são aspectos que as crianças vão se apropriando a partir da forma com que nossa interação com os materiais e com o grupo é realizada. Aprendeu-se a ter comportamentos de cuidado conforme esse cuidado foi apresentado, verbalizado e validado.

A presença potente da arte e seu rico leque de convites de imersão com os quais as crianças tiveram contato possuiu um grande protagonismo para que cada uma a seu tempo e jeito, pudesse fazer do espaço da escola, uma forma de construir vínculos, afetos e saberes. A partir do percurso construído neste trabalho, entende-se que a arte interage como uma poderosa ferramenta de experimentação e canalização de energias, podendo oferecer benefícios sensoriais de bem estar, foco, concentração, além de engrandecer o olhar sobre o espaço em que se habita, as relações e os diferentes estados emocionais que são externalizados diante das construções sociais e culturais que ocorrem no chão da escola e no espaço que a infância permeia.

Por este ponto, foi percebida uma maior autonomia das crianças em suas brincadeiras simbólicas, espaço em que o mundo é elaborado por elas, além de um suporte maior para interagir em resoluções de conflitos mais generosas que não envolvessem o corpo como ponte de agressão ao outro ou a si mesmos.

Estes aprendizados afetivos de relação fazem parcerias com muitas habilidades necessárias para as competências a serem desenvolvidas durante a vida e ter estes estímulos desde a infância se fazem muito relevantes para a constituição do eu no mundo.

Data de recebimento:11.08.2019

Data de aceite 1º parecerista: 03.11.2019

Data de aceite 2º parecerista: 02.10.2020

Referências Bibliográficas

ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina Criativa e Psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

ALVES, Patrícia. **Autoimagem de crianças e a contribuição da Arteterapia**. Encontro: Revista de Psicologia Vol 14 N 21, São Paulo, 2011.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Editora Martins Fontes: Coleção Tópicos; 5ª ed, São Paulo, 2008.

CHIESA, R.F. **O diálogo com o barro: o encontro com o criativo**. 1º ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com Crianças**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed.,2013.

DEVRIES,RHETA;ZAN,Betty. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola**. 1º Ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 1998.

FRITZEN, Celdon. **Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, Sp: Papyrus, 2008.

INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA. **O acolhimento de bebês: práticas e reflexões compartilhadas**. São Paulo, 2005

JUNG, C. G. **A Natureza da Psique**. 7º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Vol.9/1 – Col. Obra Completa. 7° Ed. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

LALAU & LAURABEATRIZ. **Passarinhos do Brasil: Poemas que voam**. Ed. Peirópolis, 2013.

PHILIPPINI, A. **Mas o que é mesmo Arteterapia?**. Rio de Janeiro. 2004

PHILIPPINI, Â. **Para entender arteterapia: Cartografias da coragem**. Rio de Janeiro: WAK, 2004.

PHILIPPINI, Â. **Arteterapia, Métodos, Projetos e Processos**. Rio de Janeiro: WAK, 2007.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1999

REIS, Maria. **A Arteterapia como possibilidade de reencontro de si na relação com outros**. Ciência (In) Cena Bahia, Vol. 1, No 4, 2017

RIBAS, Gilmar. **Arteterapia com crianças abrigadas**. Curitiba, 2017

SOARES, Suzana. **Vínculo, Movimento e Autonomia – Educação até 3 anos**. Coleção Primeira Infância. São Paulo: Ed. Omnisciência, 2017

SOUZA, Analia. **Memorial de Arte e Cultura nas práticas pedagógicas da Educação Infantil**. UnU-Inhumas-UEG. 2002

SUE, N.; Robins D. **Livro Gigante de Artes para Criança**. São Paulo: Girassol. 2008.

TOSTI, Adriana; SEI, Maira. **Arteterapia e educação: promoção do desenvolvimento através do ateliê arteterapêutico no contexto escolar**. São Paulo. 2000

WILLIAMS, J. **Artes na Natureza**. São Paulo. Madras, 1974.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. RJ: Editora Imago LTDA, 1975.